

# *AU REVOIR, BLAS DE OTERO:* O PRIMEIRO EXÍLIO DO POETA EM PARIS

Raphael Boccardo<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como proposta desenhar e analisar a trajetória de Blas de Otero na década de 1940, durante o Pós-Guerra Civil Espanhola, desde seu primeiro contato com as revistas literárias *España* e *Garcilaso*, até a publicação de sua primeira grande obra *Ángel fieramente humano*, censurada por órgãos estatais espanhóis e que teve negada a premiação no Prêmio “Adonais”, organizada por José Luis Cano. Esta censura culminou no primeiro exílio de Blas de Otero da Espanha para Paris, que levou a uma transformação tanto em sua visão de mundo quanto na produção formal e estética de suas poesias. Este estudo sobre seu exílio serve como uma contribuição para uma área ainda pouco explorada pelos críticos literários da obra de Blas de Otero.

**Palavras-chave:** Blas de Otero; Exílio; Censura; Pós-Guerra Civil Espanhola.

**Abstract:** The objective of this article is to analyze the trajectory of Blas de Otero in the 1940s, during the Spanish Civil War, from his first contact with the literary magazines *España* and *Garcilaso*, to the publication of his first great work, *Ángel fieramente humano*, censored by the Spanish state bodies and denied the award at the “Adonais” Prize, organized by José Luis Cano. This censorship culminated in Blas de Otero’s first exile from Spain to Paris, which led to a transformation both in his worldview and in the formal and aesthetic production of his poetry. This study of his exile serves as a contribution to an area still unexplored by literary critics of Blas de Otero’s poems.

**Keywords:** Blas de Otero; Exile; Censorship; Post Spanish Civil War.

*Aquí termina el libro. C’est fini*  
(¿Por qué escribo en francés?, es divertido)  
Blas de Otero, “Todo lo Humano”

## 1 As Revistas Literárias da Década de 1940

Em 1943, durante um panorama político mundial conturbado, a Segunda Guerra Mundial, e em plena ditadura franquista, duas revistas literárias surgem na Espanha: 1) *España*, dirigida por Victoriano Crémer, Eugenio García de Nora e González de Lama e; 2) *Garcilaso*, criada por Jesús Juan Carcés, José García Nieto, Pedro de

<sup>1</sup> Possui graduação em Letras pela Universidade de São Paulo (2013) e mestrado em Letras (Língua Espanhola e Lit. Espanhola e Hispano-Americ.) pela Universidade de São Paulo (2018). Atualmente faz Doutorado sobre Blas de Otero e o Exílio pela Universidade de São Paulo (2022). É tradutor e criador de conteúdo para o canal de literatura Irene no Céu.

Lorenzo e Jesús Revuelta. Ideologicamente, em sua essência, ambas as revistas eram completamente opostas: enquanto *Garcilaso* buscava divulgar escritores que pudessem seguir uma poesia clássica pura, certamente reacionária, e que tivesse uma relação estreita com o sentimento de religiosidade católica, *España*, em contraste, tinha como proposta questionar e problematizar a dor, o sofrimento, a violência, e a desordem de um período obscuro da história europeia (MARTÍNEZ-CACHERO ROJO, 1997, p. 30).

A formalidade, o soneto clássico e o amor pela cruz de Cristo, de um lado, a angústia, os versos livres e a problematização dos desastres das guerras, de outro, criaram este tom de rivalidade em um período em que a dissonância de ideias se tornara algo inaceitável na sociedade e política espanhola. Entretanto, em meio a essa suposta antinomia, estas revistas publicavam poetas que nem sempre seguiam estritamente a ideologia pretendida a princípio. A razão desta contradição certamente não residiu em uma traição de certos princípios ideológicos, mas sim na fratura deixada entre os escritores do período como exílios forçados, censura e a própria cisão de grupos nacionalistas espanhóis<sup>2</sup> após o estabelecimento de Franco no poder.

Após o término da Guerra Civil Espanhola, em 1939, muitos escritores republicanos neste período já haviam se exilado: Juan Ramón Jiménez, Jorge Guillén, Pedro Salinas, Rafael Alberti e Luis Cernuda se espalharam para vários cantos do mundo a fim de escapar do acosso da censura dos aparatos burocráticos estatais de Franco após a vitória dos nacionalistas. Para aqueles que ainda permaneciam na Espanha, como Manuel Machado, Vicente Aleixandre, Gerardo Diego e Dámaso Alonso, cada autor com sua posição dentro do regime franquista, de adesão ou silêncio, a tarefa de produzir uma revista que pudesse apresentar ao leitor espanhol aqueles novos poetas e escritores que estavam surgindo na década de 1940 viria com diversos obstáculos.

O principal destes obstáculos residiria na chamada “Ley de Prensa”, promulgada em 1938, que teria, além do Estado, a Igreja como um dos braços censores que vigiarão e tacharão tudo que fosse publicado no âmbito literário e jornalístico a partir daquele momento. A unidade entre os censores eclesiásticos católicos e os mecanismos censores estatais gerou a fórmula pronta que todo membro deste dispositivo deveria se perguntar ao ler uma obra: “¿Ataca al Dogma?, ¿A la Iglesia?, ¿A sus Ministros?, ¿A la Moral?, ¿Al Régimen y a sus Instituciones?, ¿A las personas que colaboran o han colaborado con el Régimen?”. Este sistema de inspeção dificultava a expansão da indústria editorial e cultural:

---

<sup>2</sup> Em 1943, com o auge da Segunda Guerra Mundial e o acirramento entre os Aliados e o Eixo, a retórica fascista deixou de ser apenas uma oposição política e se tornou uma ameaça para as democracias europeias e estadunidense. A Falange Espanhola, um dos grupos fascistas e católicos que ajudou a formar os nacionalistas e apoiar Franco, foi excluída pelo próprio ditador neste período para não entrar em conflito direto com os Aliados. Muitos destes membros da Falange apoiavam a revista *Garcilaso* inicialmente, mas com esta exclusão, o movimento perdeu força e se separou completamente (DE LIMA GRECCO, p. 114, 2016). Outras razões pela não uniformidade ideológica dos poemas em ambas as revistas se deve pela necessidade de captar escritores interessantes que pudessem atrair um maior público que, no final das contas, era o objetivo de *Garcilaso* e *España*.

Los autores y los editores tenían que asumir estas disposiciones, acatarlas con respeto y naturalidad, o buscar las estrategias para eludirlos; de otra forma, corrían el riesgo de que la obra fuera mutilada, denegada su publicación o secuestrada.” (MONTEJO GURRUCHAGA, 1998, p. 491).

O processo repressivo e propagandístico do franquismo, especialmente a partir dos anos 1945, era impor sua hegemonia ideológica através do órgão censor Estatal ao mesmo tempo em que era pressionado pela Igreja Católica para vigiar tudo aquilo escrito que era considerado “herege”. Os editores, escritores, poetas e artistas espanhóis agora precisariam lidar com este bloqueio institucional.

Juan Guerrero Ruiz, um editor espanhol bem conhecido no período e que mantinha amizade com vários daqueles escritores da geração de 27, como Pedro Salinas, Rafael Alberti e Luis Cernuda, tinha por objetivo publicar e conservar muitas das obras espanholas da década de 1920 e 30. Assim criou a coleção “Adonais”, que teve *Poemas del Toro*, de Rafael Morales, como sua primeira obra publicada em 20 de abril de 1943. Ao chegar ao trigésimo volume, Juan Guerrero Ruiz, sobrecarregado pela quantidade de novos escritores que estavam surgindo nesta década de 1940, deixou em mãos de José Luis Cano para seguir e expandir a linha editorial da coleção.

O próximo passo para José Luis Cano e “Adonais”, então, foi planejar e organizar um concurso literário para incentivar e fomentar este círculo poético que se formava dentro da Espanha franquista através destas revistas literárias. O prêmio “Adonais” se tornou um meio importante para *España* e *Garcilaso*, além de outras menores obviamente, para a divulgação destes novos escritores pouco conhecidos<sup>3</sup> (GULLÓN, 2006).

Entre os diversos poetas espanhóis que buscavam o reconhecimento do público de suas obras, Blas de Otero, um poeta de Bilbao/País Basco, ganhou certa notoriedade no período. *España*, especialmente, via no poeta basco como uma das principais vozes para expressar a mensagem de angústia existencial que a revista queria passar. Em meio a este contexto, dois termos desenvolvidos por Dámaso Alonso ficariam enraizados tanto em Blas de Otero como nas duas revistas que apontamos no início: poesia *arraigada*, de orientação classicista e de otimista reorganização da realidade, certamente concentrada nos poetas de *Garcilaso*; e a poesia *desarraigada*, uma corrente lírica espanhola centrada em retratar o caos, o vazio e o pessimismo do Pós-Guerra

<sup>3</sup> Publicações relevantes de “Adonais”: “Poesía francesa religiosa (por Leopoldo Rodríguez Alcalde), Poetas metafísicos ingleses (por Mauricio Molho y Blanca G. de Escandón y Poetas catalanes contemporáneos (por Paulina Crusat) y versiones excelentes, genuinamente poéticas, del Adonais, de Shelley y los Cuatro Cuartetos, de T. S. Elliot (por Vicente Gaos); Poemas, de Kathleen Raine (por Mariano Manent) y de Carlos Drummond de Andrade (por Rafael Santos Torroella); Doce poemas de Holderlin (por José María Valverde); Poesías de Keats (por Clemencia Miró) y de Miguel Torga (por Pilar Vázquez Cuesta), y otras cuya mención evito para no alargar demasiado la nómina” (GULLÓN, 2006).

Civil Espanhola, representada pelos poetas de *Espadaña*. Blas de Otero, marcado pela crítica da época como um dos principais poetas *desarraigados*, é associado então a uma poesia de dissidência, de questionamento; de uma religiosidade que problematiza sua própria fé e Deus.

Em realidade, esta definição superficial que a crítica estabeleceu para Blas de Otero, o suposto poeta *desarraigado*, não define bem o caminho que levou o poeta até a tentativa de publicar seu primeiro livro na Espanha. Em 1944, quando *Espadaña* e *Garcilaso* já coexistiam, Blas de Otero participava ainda timidamente com suas poesias místico-religiosas que agradavam ambas as revistas. E mesmo nos próximos anos, as poesias existenciais e religiosamente questionadoras que o poeta basco produzia ainda ganhavam simpatizantes de ambos os lados. José García Nieto, um dos fundadores de *Garcilaso*, via em Blas de Otero como um poeta essencialmente romântico e religioso “Pero Blas de Otero sabe que la misión de la Poesía, como la palabra de Aquél, no es la de venir a traer la paz” (WRIGHT, 1986, p. 121). Como veremos adiante, embora essa seja uma interpretação um tanto rasa de sua poesia, é importante analisar e desenvolver nossa visão das poesias de Blas de Otero de acordo com esta contraditoriedade de leitura entre os escritores do período, e entre as revistas *Espadaña* e *Garcilaso*, de sua obra existencial/religiosa; descobri-lo não na resolução do contrário, mas na própria diferença, no “confronto de dois pontos de vista intimamente ligados entre os quais não é possível haver nenhum fundamento neutro comum” (ŽIŽEK, 2008, p. 15).

## 2 O nascimento de Ángel fieramente humano

Em 1945, Blas de Otero passou quase um ano em um sanatório psiquiátrico após um episódio grave de depressão. Resumidamente, os problemas pessoais com sua família, o distanciamento de sua vocação do poeta por conta de seu trabalho com a área de direito, e também a própria situação política da Espanha são as principais razões por essa internação. Muitos críticos apontam este período como o início da produção de sua primeira grande obra *Ángel fieramente humano*, e também do questionamento da sua própria fé católica:

En medio de la soledad y de angustiosas dudas, su catolicismo ortodoxo y su fe comienzan a resquebrajarse [...]. Para contribuir a la economía familiar crea en la casa materna una bien organizada academia particular de Derecho, mientras que por la noche escribe febrilmente los poemas de su rebelión salvadora, el Ángel fieramente humano. (DE LA CRUZ, 2012, p. 63).

No mesmo período, com o fim da Segunda Guerra Mundial, a Espanha franquista ficara de fora da criação da ONU e seu isolamento internacional levou a mudanças superficiais no regime. A primeira delas foi a supressão da saudação tipicamente fascista e a exclusão da Falange do poder. Depois, Franco buscou o apoio da Igreja Católica,

uma instituição internacional, para ganhar um apoio massivo dos eclesiásticos por toda a Europa. Os setores católicos ficaram responsáveis, a partir de então, por controlar grande parte da educação e dos órgãos de censura do país: “los dos apoyos principales con los que contó el franquismo fueron los Estados Unidos y la Santa Sede, gracias a los cuales la mayoría de los países fueron reestableciendo la normalidad en sus relaciones diplomáticas con España” (PERULERO PARDO-BALMONTE, 2014, p 118). A religião católica se tornara, a partir de 1945, não só um postulado de fé pessoal e individual, mas também um narrador que buscava ser homogêneo e ortodoxo, uma fé jurídica e institucional e certamente imposta pelo Estado aos seus cidadãos. Essa mudança, causada pelo fim da Segunda Guerra Mundial, será um dos pontos cruciais para o assédio da censura dos poetas e escritores que ainda permaneciam na Espanha.

Blas de Otero, durante esse momento, passava por um processo de transformação. A educação religiosa cristã de sua infância e adolescência agora era permeada por suas leituras de Kierkegaard, filósofo existencial cristão, e Heidegger, além de outros autores nacionais como Dámaso Alonso e Unamuno. A questão de Deus e da relação com o Homem se tornará uma problemática tanto política como filosófica na produção de suas poesias. E em um período em que a poesia católica era popular e também incentivada pelas revistas como *Garcilaso*, Blas de Otero entrava em um campo perigoso na segunda metade da década de 1940. Os olhos eclesiásticos estavam em todo lugar.

Apesar de todo esse ambiente de opressão, Blas de Otero conseguiu estabelecer boas relações nos grupos literários. Victoriano Crémer e Vicente Aleixandre eram poetas contemporâneos que, além de compartilhar algumas das ideias *desarraigadas*, para usar o termo de Dámaso Alonso, também publicavam juntamente com Blas de Otero nas revistas mais populares literárias espanholas. Com esses contatos entre sua carreira profissional como escritor e suas amizades, o isolamento daquele período no sanatório ia se dissipando no meio poético que se formava graças a *Espadaña*: “tu carta me hizo como siempre mucha compañía y además el regalo que me anuncias”, diz Blas de Otero (2004, p. 67) décadas depois a Vicente Aleixandre.

Ángel *fieramente humano*, título da obra que viria a se tornar a primeira grande reunião de poesias escritas por Blas de Otero na segunda década de 1940, era nomeada através de um trecho de Góngora, grande sonetista espanhol: “porque aquel ángel fieramente humano/no crea mi dolor, y así es mi fruto/llorar sin premio y suspirar en vano”. A razão por esta escolha já demonstra a proposta de escolha da forma, o soneto clássico. Mas Blas de Otero sabe da inércia da história na literatura. Ángel *fieramente humano* terá um predomínio do soneto clássico ao mesmo tempo em que as discussões cristãs após o infame “Deus está morto” de Nietzsche percorrem à discussão filosófica moderna que, contrariamente ao reacionarismo fascista católico, busca compreender essa relação moderna do Homem com Deus perante essa questão existencial. Um dos poemas simbólicos desta primeira obra está em “Luego”, poema aparentemente clássico

na forma, e tem como Eu e Deus figuras centrais de discussão:

**Luego**

Cuando te vi, oh cuerpo en flor desnudo,  
creí ya verle a Dios en carne viva,  
No sé qué luz, de dentro, de quién, iba  
naciendo, iba envolviendo tu desnudo

amoroso, oh aire, oh mar desnudo.  
Una brisa vibrante, fugitiva,  
ibas fluyendo, un agua compasiva,  
tierna, tomada en un frondor desnudo.

Te veía, sentía y te bebía  
solo, sediento, con palpar de ciego,  
hambriento, sí, ¿de quién?, de Dios sería.

Hambre mortal de Dios, hambriento hasta  
la saciedad, bebiendo sed, y, luego,  
sintiendo, ¡por qué, oh Dios!, que eso no basta.

O uso do “Tú” para se dirigir a Deus, nesta relação quase erótica que a poesia imprime, aparece de uma forma visceralmente carnal. A desnudez e o sensual tomam centro nessa relação mística próxima das poesias de San Juan de la Cruz. Este, grande inspiração no início de carreira de Blas de Otero, agora aparece impresso em sua poesia como uma extrapolação do misticismo ao erotismo. É como se o poeta basco retirasse o místico-cristão de San Juan de la Cruz e mostrasse sua verdade inerente do erótico com Deus: “Te veía, sentía y te bebía/solo, sediento, con palpar de ciego,/hambriento, sí, ¿de quién?, de Dios sería hambriento, sí, ¿de quién?, de Dios sería”. A escolha do soneto clássico vem acompanhada por mais uma rebeldia da forma dos versos. Frases cortadas, estrofes que cerceiam os ritmos dos versos, o encavalgamento que impede a harmonia rítmica da leitura. Esse recurso não é inovador em si, mas para o soneto clássico, tão caro aos poetas espanhóis tradicionais, é uma primeira “heresia” de Blas de Otero em relação à tradição. A cesura dos versos, como em “iba envolviendo tu desnudo//amoroso”, é também uma questão para Giorgio Agamben ao estudar a poesia romana clássica de Sandro Penna. Agamben (2012, p. 13) busca em Hölderlin as respostas para esse encavalgamento brusco proporcionado pela cesura dos versos:

O transporte trágico é, de fato, verdadeiramente vazio, e o mais livre. Por isso, na sucessão rítmica das representações, nas quais se evidencia o transporte, torna-se necessário aquilo a que, no metro, se chama cesura, a palavra pura, a interrupção antirrítmica, para contrastar, no seu clímax, com a mudança encantatória das representações, de modo a trazer à evidência não já a alternância da representação, mas a própria representação.

A representação da religiosidade de “Luego” permeia o humanismo e o cristianismo, em uma relação contraditória que se apresenta antirrítmica, dando forma a essa incapacidade de resolução da angústia do Homem diante de Deus: “Hambre mortal de Dios, hambriento hasta/la saciedad. bebiendo sed”. A força deste soneto só se mostra nessa cesura, que revela a dialética do cristão com o humano, de Góngora e de San Juan de la Cruz, e, principalmente, desse embate entre o discurso Católico institucional com os anos de fome da ditadura franquista que se seguiu após a Guerra Civil Espanhola e que sentia seus efeitos na segunda década de 1940, ano em que Blas de Otero produzira estas poesias.

A recepção deste e dos outros sonetos de *Ángel fieramente humano* foram dos mais variados. Enquanto José Luis Cano, editor da revista *Ínsula* e organizador do Prêmio “Adonais”, acreditava que esta obra era uma das melhores da última década e compartilhava esse entusiasmo com Dámaso Alonso, outro grande escritor da época, editores como José García Nieto também se animava pela publicação e divulgação destes poemas. Entretanto, os motivos desse entusiasmo variaram de escritor para escritor.

Dámaso Alonso via em *Ángel fieramente humano* a culminação da angústia do período em poesia. A relação estremecida do Homem com Deus por conta dos desastres da Guerra Civil Espanhola, que deixou um milhão de mortes, e incontáveis mais exilados, estava representada nestes sonetos *desarraigados*, completamente perturbadores e que revelam em sua forma antirrítmica a desarmonia da história espanhola do período: “Nuestro terrible destino es ése, apuntaladores de ruinas”, como escreve Dámaso Alonso no prólogo de *Ancia*, coletânea dos poemas de Blas de Otero publicada nos anos 1950. José García Nieto, em contraste, acreditava que estes sonetos como *Luego* estavam em linha com os poemas místico-religiosos de San Juan de la Cruz. A sensualidade e a angústia para García Nieto eram exacerbações da palavra Dele, nesta procura pela figura de Deus que nunca se revelará para o Homem.

Essas interpretações contraditórias, que são incapazes de se sintetizarem em uma análise em comum, são reações comuns às poesias de Blas de Otero desse período. A profundidade de *Ángel fieramente humano*, tanto na construção formal quanto na própria questão existencial-cristã, torna a obra difícil de ser reduzida a um determinado estilo. Em realidade, um elemento permaneceu ausente nesta análise destes poemas. A Ironia<sup>4</sup>, como um conceito desenvolvido por Kierkegaard, está contida na fórmula oteriana do soneto como uma das principais características. No verso de lamento de “Luego”, “¡por qué, oh Dios!, que eso no basta” percebemos quase uma mimetização cômica do lamento cristão com Deus. Há angústia, há catolicidade, mas, sobretudo, há o oposto de ambos: o lamento irônico do homem moderno de sempre desejar mais e mais, “hambriento hasta la saciedad”.

<sup>4</sup> Como bem resume Jacqueline Oliveira Leão, sobre a obra de Kierkegaard “a ironia manifesta-se no momento em que a palavra (fenômeno) se mostra em oposição ao pensamento (essência)” (2013, p. 8)

Neste movimento contraditório da recepção desta obra, residem as raízes do exílio de Blas de Otero. Em um período em que o aparelho da censura do Estado, apoiado pela instituição eclesiástica, buscava ler, ainda que de maneira superficial, tudo o que fosse contra os princípios impostos pela Igreja Católica, uma poesia que tivesse Deus como personagem central de sua escrita chamaria a atenção de qualquer censor. E é no momento *Ángel fieramente humano* está pronto para ser publicado que esses olhos opressores entrarão em conflito com Blas de Otero. Para a Igreja Católica, não conseguir compreender o que era lido era uma ofensa mais grave do que a própria heresia.

### 3 O Prêmio “Adonais”

Como dissemos anteriormente, José Luis Cano, escritor e crítico espanhol, havia sido indicado por Juan Guerrero Ruiz para organizar a coleção e o prêmio “Adonais”, com o intuito de promover antigos e novos escritores espanhóis durante a década de 1940. Apesar de a censura eclesiástica acreditasse que *Adonais* era o nome hebreu de Deus, e, portanto, queria impedir a utilização do nome (TÉLLEZ, 2012, p. 43), José Luis Cano conseguiu, com muito esforço, que o título continuasse e que tanto a coleção quanto o prêmio se tornassem os meios mais prestigiosos literários na Espanha na década de 1940. Whitman, Byron, Pessoa, Pound, Verlaine, Bousoño, Dámaso Alonso, Gerardo Diego, Eugenio de Mora e muitos outros poetas foram divulgados, traduzidos e descobertos por José Luis Cano e sua equipe editorial em um período de obstáculos causados pela censura.

Blas de Otero acreditava que *Ángel fieramente humano* seria sua grande primeira obra. Após passar angustiantes anos escrevendo os poemas, conseguiu reuni-los para poder apresentar às editoras com o intuito de sair de seu emprego de advogado e seguir finalmente sua vocação de escritor profissional. O Prêmio “Adonais” organizado por José Luis Cano seria uma ótima oportunidade para que a obra fosse divulgada e posteriormente publicada. Após ter alguns de seus poemas publicados na Revista *Raíz*, Blas de Otero decide que era o momento para que *Ángel fieramente humano* fosse finalmente reconhecido pelo público e por seus colegas escritores como uma grande obra. Apresentado ao Prêmio “Adonais”, Dámaso Alonso, Vicente Aleixandre e Carlos Bousoño tinham certeza que a obra do poeta basco venceria o concurso.

Merecidamente, *Ángel fieramente humano* estava entre as duas obras que seriam possivelmente escolhidas para ganhar o prêmio. A outra era *Corimbo* do cordobés Ricardo Molina, que continha poesias clássicas e bucólicas das paisagens de Andaluzia. O contraste entre essas obras que disputavam o Prêmio “Adonais” revelava o espírito da época: a angústia, o pessimismo e o questionamento de Deus por parte de Blas de Otero; e o espírito otimista cristão, apaixonado, e de comunhão com a Natureza de Ricardo Molina.

Os jurados de “Adonais” se reuniram no final de novembro e começo de dezem-

bro para premiar o grande vencedor. Luis Felipe Vivanco, José García Nieto (criador da revista *Garcilaso*), Florentino Pérez-Embid, Germán Bleiberg e José Luis Cano ficaram com a responsabilidade de escolher uma das duas obras. O que era para ser mais uma premiação normal, como ocorreram nos anos anteriores, “Adonais” de 1949 foi polêmico. Ricardo Molina, com a obra *Corimbo*, foi o grande vencedor. Ángel *fieramente humano* era o preferido entre os poetas do período, e entre a maioria dos jurados. José Luis Cano relatou, em 1986, para *El País*, o erro dessa premiação: “Blas de Otero ganó el Premio Adonais em 1949 con su libro [...]. Pero el presidente del jurado [...] Florentino Pérez Embid, vetó el libro por considerarlo gravemente heterodoxo” (SPOTTORNO, 1986). Florentino Pérez Embid, o Presidente dos jurados e fiel católico, foi o responsável por impedir que Ángel *fieramente humano* fosse premiado: “Es muy probable que se diera cuenta de dos cosas: la primera de la calidad del libro, y la segunda de que buen número de sus versos podían calificarse de blasfemos” (MONTERO, 2019).

Toda a organização católica, desde a Igreja até os membros cristãos de outras instituições, já participava ativamente da censura prévia de certas obras. Florentino Pérez Embid via na obra de Blas de Otero heresia, blasfêmia, e premiar Ángel *fieramente humano* poderia causar certo estremecimento com a Igreja Católica. José Luis Cano e Vicente Aleixandre ficaram irritados com a decisão do Presidente de Jurados e ambos cortaram a relação com Pérez Embid logo depois. Em *Los cuadernos de Velintonia*, em uma carta para Vicente Aleixandre, José Luis Cano conta sobre esse período conturbado do Prêmio “Adonais”:

6 de junio

Comida en el restaurante Trocadero, con Vicente [Aleixandre], Carlos Bousoño y Blas de Otero, que ha venido a pasar unos días en Madrid desde su Bilbao natal. A Blas le he conocido hace poco, en el recital de sus poemas que dió en el Ateneo. Pero antes nos habíamos cruzado unas cartas, y él me agradeció que yo salvase su estupendo libro Ángel *fieramente humano* – que Pérez Embid había vetado para el premio Adonais – y convenciera a Enrique Canito para que lo publicara en la colección Ínsula, como así se hizo. (CANO, 1986, p. 40).

A salvação de Ángel *fieramente humano* veio através da indicação de José Luis Cano da obra para Enrique Canito, diretor da revista *Ínsula*. Entretanto, a publicação não pôde ser feita sem as censuras ordenadas. Em uma carta para Juan Beneyto, Diretor de Imprensa e falangista, José Luis Cano demonstra sua preocupação: “Pero por si acaso cae en manos de algún censor que ve cosas donde no las hay, o interpreta erróneamente algún poema, me atrevo a rogarte que si tal cosa ocurriese [...] lo leas tú personalmente” (MONTEJO GURRUCHAGA, 1998).

O censor José Grijalbo, ao analisar Ángel fieramente humano antes da publicação em *Ínsula*, acreditava que a obra estava repleta de menções de Deus de maneira confusa e que para um leitor comum seria difícil de ser apreciada, como transcreve fielmente Lucía Montejo Gurruchaga: “Las poesías de este libro están escritas de una forma tan estrabagante, que al limitado criterio del lector, le es difícil apreciar, si el nombre de Dios que constantemente aparece en ellas, es para venerarle o al contrario”. Para José Grijalbo, a poesia de Blas de Otero só podia expressar ou veneração ou repulsa pela figura de Deus. Portanto, *Ángel fieramente humano* foi publicado com diversos cortes de versos e estrofes inteiras em *Ínsula* em 1950.

Meses depois, Blas de Otero já estava com sua segunda obra pronta, *Redoble de conciencia*. Nesse momento, o poeta basco acreditava estar preparado. Com o sucesso entre os escritores de sua obra anterior, José Luis Cano sugeriu que Blas de Otero concorresse ao prêmio “Boscán” no mesmo ano de 1950, organizado em Barcelona. Neste evento, finalmente foi premiado e *Redoble de conciencia* havia chamado atenção de várias revistas literárias. Victoriano Crémer, o criador de *Espadaña*, como vimos no início deste texto, quis que uma das poesias desta obra fosse publicada em sua revista, o soneto “Déjame”.

Me haces daño, Señor. Quita tu mano  
de encima. Déjame con mi vacío,  
déjame. Para abismo, con el mío  
tengo bastante. Oh Dios, si eres humano,

compadécete ya, quita esa mano  
de encima. No me sirve. Me da frío  
y miedo. Si eres Dios; yo soy tan mío  
como tú. Y a soberbio, yo te gano.

Déjame. ¡Si pudiese yo matarte,  
como haces tú, como haces tú! Nos coges  
con las dos manos, nos ahogas. Matas

no se sabe por qué. Quiero cortarte  
las manos. Esas manos que son trojes  
del hambre, y de los hombres que arrebatas.

Quando a edição de 1950 de *Espadaña* caiu nas mãos dos censores, este soneto foi a culminação de toda a perseguição que os eclesiásticos estavam realizando com Blas de Otero. Crémer teve de comparecer a um tribunal eclesiástico declarando que “Déjame” era uma “flagrante herejía” e ainda o obrigou a se retificar com uma nota de esclarecimento no diário católico espanhol (MONTEJO GURRUCHAGA, 1998). A violência dos versos e a repulsa por Deus, segundo os censores, era a evidência que buscavam para suprimir qualquer poesia de Blas de Otero. *Espadaña* se tornara, a partir de então, alvo dos aparelhos estatais e a revista não resistiria na década de 1950, o que levou a seu encerramento meses depois.

O cenário insuportável que se formou na Espanha para Blas de Otero não é a soma de apenas um evento em particular. O processo que começou em sua derrota no Prêmio “Adonais” por razões extraliterárias com a decisão do católico Florentino Pérez Embid por não premiar Ángel *fieramente humano*, os cortes de versos e estrofes pelo censor José Grijalbo, que não compreendia o que aqueles poemas queriam expressar, até chegar à supressão de um poema completo como “Déjame”, levando ao desmantelamento de *Espadaña*, resultou angustiante e frustrante para Blas de Otero. Em 1952, após passar quase cinco anos sendo perseguido por aqueles que se diziam católicos e nacionalistas durante a Espanha franquista, o poeta decide sair de seu país de origem para tentar publicar seus poemas completos em outro lugar. Elegeu Paris como seu lugar de refúgio pois muitos de seus amigos escritores republicanos já viviam na França após o fim da Guerra Civil Espanhola. E embora o próprio Blas de Otero nunca tivesse nomeado essa saída da Espanha como um exílio, e sim como uma simples viagem, o fato de que fosse obrigado a sair do país para poder publicar uma obra completa e sem cortes, já demonstra que a opção pessoal e individual era acompanhada de uma coerção estatal de uma espécie de “ame-o ou deixe-o” do franquismo.

#### 4 Passagem para Paris

Blas de Otero estava empenhado em não aprender nenhuma palavra em francês, dizia ele em uma conversa informal com Manuel Azcárate, membro do Partido Comunista Espanhol (PCE), que residia em Paris no período por conta da lei de Francisco Franco que impedia a existência de partidos de esquerda na Espanha. Aprender francês, para Blas de Otero, seria perder o autêntico *castellano poético* que queria manter a todo custo durante seu exílio. O poeta tinha medo de esquecer sua própria língua nesse país estrangeiro: “Otero ‘estaba convencido de que era preciso para acorazar la rogressistas de su castellano poético’” (PERULERO PARDO-BALMONTE, 2007, p. 6).

Sem dinheiro e com pouca perspectiva de permanecer na Espanha após o evento do Prêmio “Adonais”, o poeta basco sacrificou aquilo que tinha de mais importante para poder conhecer outros escritores exilados e para estabelecer relações mais próximas com o PCE, um partido que representava cada vez mais os ideais marxistas que cresciam em sua mente:

Vendí la mayor parte de mi biblioteca, cientos de tomos recogidos pacientemente durante muchos años, las piezas de mi posterior evolución, y saqué un billete para París. Allí estuve un año. (BAYO, 1968, p. 187-188).

Em 1952, Blas de Otero chega a Paris recebido pelo poeta Jorge Semprún, Eugenio de Nora e Manuel Azcárate, três membros do PCE que garantiriam para o poeta exilado um lugar que pudesse viver e escrever seus poemas. Após Ángel *fiera-*

*mente humano* e *Redoble de conciencia*, assim como toda a censura sofrida nestas obras, diversos intelectuais espanhóis que viviam na França sabiam que Blas de Otero precisava de apoio. Manuel Azcárate, em questão, conheceu o poeta basco através da revista *España*: “Me informó de que en España existían varias revistas de poesía en las que se expresaban ideas progresistas: entre ellas, *España*, de León, muy cauta [...]” (PERULERO, 2014, p. 101).

No mesmo ano, em 1952, Blas de Otero decide se filiar oficialmente ao PCE, tarefa simples pela amizade que se formou com os escritores espanhóis de Paris:

Íntima amistad con Nora y Jorge Semprún. Se afilia en la capital francesa al Partido Comunista, como muchos intelectuales progresistas españoles. Vive tres meses en la casa del entonces dirigente comunista Manuel Azcárate, donde escribe bastantes poemas y da clases de español a una alta funcionaria de la UNESCO” (DE LA CRUZ, 2004, p. 35).

Manuel Azcárate havia se impressionado profundamente com *Ángel fieramente humano* (PERULERO PARDO-BALMONTE, 2014, p. 8) e acreditava que Blas de Otero poderia auxiliá-los tanto na parte literária como na própria organização do Partido. Uma amizade se formou entre os dois, como bem explica Elena Perulero em *El Informe Azcárate sobre Blas de Otero*, um importante documento que retrata o ano de exílio de 1952 do poeta basco: “Con Blas logré establecer, a pesar de los problemas, una verdadera amistad”.

Em Paris, Blas de Otero primeiro se comunica com diversas editoras, desde o México até Argentina, para poder publicar *Ángel fieramente humano* e *Redoble de conciencia* sem os cortes sofridos pela censura e as mudanças obrigatórias indicadas pelos censores. Depois começa a preparar e escrever as obras *Pido la Paz y la Palabra* e *En Castellano*, uma virada em seu estilo de escrita do existencial ao social. Embora essa seja uma análise um tanto superficial, pois estas quatro obras estão intrinsecamente ligadas nas questões religiosas e nas questões políticas das décadas de 1940 e 1950, essa divisão entre existencial e social serve para demarcar, didaticamente, o período do primeiro exílio de 1952 de Blas de Otero e como sua entrada no PCE fez com que suas próximas poesias fossem vistas como mais engajadas politicamente que as anteriores.

Essa experiência em Paris, apesar de importante para o estabelecimento de novas relações para Blas de Otero, também lhe trouxe angústia. Estar em outro país sem poder se comunicar propriamente no dia a dia e estar longe de sua família em Bilbao, fez com que esse exílio se tornasse sufocante:

Sin embargo, una vez fuera, la experiencia del exilio y la perspectiva de que ese alejamiento se convierta en algo permanente le resultan insoportables. El que se decidiese a volver – aceptando el ofrecimiento de Semprún – fue, seguramente, un acierto, tanto en lo personal como

en lo literario. Nadie que haya leído la poesía de Blas de Otero se sorprenderá de que el poeta no soportase marcharse definitivamente de España, presente en un número muy importante de sus poemas. (PERULERO PARDO-BALMONTE, 1952, p. 8).

10 meses depois retorna para a Espanha, mas com inúmeros projetos na mão. *En el nombre de España*, uma obra que Blas de Otero pretendia publicar com alguns de seus poemas no exílio, serviria para romper publicamente com o regime franquista e se posicionar como comunista na comunidade poética espanhola. Jorge Semprún acompanhara todo esse processo com interesse. Mas, ao chegar no final do processo de conclusão da obra, Blas de Otero teve crises depressivas e sua angústia se tornou insuportável para o poeta. Jorge Semprún, em *Autobiografía de Federico Sánchez*, comenta sobre essas crises que impediram que Blas de Otero permanecesse em Paris e publicasse *En el nombre de España*:

Y no llegó a publicarse el libro porque a medida que se acercaba el plazo, estando ya compuestas las galeradas, fue sumiéndose Blas en una frenética angustia desesperada. Intervinieron los mejores especialistas, dictaminando sabiamente curas contradictorias. Pero solo había una solución, claro está: devolverle a Blas su libertad, o sea, darle la posibilidad de volverse atrás, de no publicar el libro, de olvidarse de aquella expedición y de regresar a Bilbao. Así recomendaste [...] que se hiciera y así se hizo. (SEMPRÚN, 1977, p. 93)

E para expressar essa angústia, o poema “Ciudades” de *Historia fingidas y verdaderas*, relembrando sobre esse período, já não é mais um soneto como víamos em *Ángel fieramente humano*, mas uma poesia em prosa, que mostra seu sentimento de estar em um território estranho e ininteligível: “París. Miro sus calles bordeadas de mercadillos, aspiro el tenue gris, escurren las aceras el rápido baldeo, una gruesa mujer grita algo que jamás entendí”. (DE OTERO, 2013, p. 634). A incompreensão da língua durante os momentos de depressão era um dos principais pontos desta angústia. E Blas de Otero tinha consciência que a causa dessas crises não residia somente na perda de sua fé, ou nos questionamentos existenciais do homem universais; sabia também que eram problemas sociais e políticos, causadas pela censura e pelo ambiente opressor da Igreja Católica juntamente ao franquismo na Espanha da década de 1940 e 1950. Seu primeiro exílio, como Elena Perulero Pardo-Balmonte nomeia a primeira saída de Dom Quixote, resultaria em fracasso porque somente durou 10 meses. Mas creio que essa não é a palavra correta. O regresso de Paris para a Espanha não foi uma resignação de um herói que lutava bravamente contra um regime ditatorial, mas sim de um poeta comum que pretendia cuidar de sua saúde e perceber que seu país de origem ainda era o local para que sua poesia pudesse ser lida e apreciada. Essa decisão de retorno durará apenas 7 anos, porém em 1952, no primeiro exílio, Blas de Otero via seu retorno como tragédia. Somente em seu próximo exílio, o verá como farsa.

## 5 Conclusão

A proposta deste artigo de traçar o caminho para o primeiro exílio de Blas de Otero não pretendeu detalhar o exílio em si, mas o processo que levou a este evento. Os diversos eventos como o Prêmio “Adonais” e as censuras de seus poemas foram os principais motivos que levaram o poeta basco a sair da Espanha para Paris. A importância de estudarmos esse período, que durante muitos anos foi um tópico ignorado pela crítica literária a sua obra, serve para compreender de maneira mais ampla as obras *Ángel fieramente humano* e *Redoble de conciencia*, da década de 1940, e *Pido la Paz y la Palabra* e *En Castellano*, da década de 1950, ao estabelecermos uma análise não só literária mas também histórica do processo de mudança de Blas de Otero, que pendulou entre o existencial e o social durante essas décadas.

Como nomeamos no título, “o primeiro exílio”, é apenas a análise de um dos eventos que levou Blas de Otero a sair da Espanha. Em 1959, seu segundo exílio, veremos como a censura e sua participação no PCE tornou insustentável a permanência em seu país de origem. A publicação de *En Castellano* em Paris com o nome francês de *Parler Clair* neste mesmo ano será um dos momentos mais importantes para a poesia espanhola do Pós-Guerra Civil. A ironia do título, juntamente com o trágico significado da censura insuportável do franquismo para estes poetas, torna *Parler Clair* uma obra importante na carreira de Blas de Otero. Entretanto, para estudarmos o segundo exílio e *En Castellano* é preciso realizar uma nova análise de diferentes processos que realizamos neste artigo presente. Por ora, o estudo de seu primeiro exílio, longe de ter sido completamente explorado aqui, é um passo inicial importante para tentarmos completar aos poucos essa lacuna existente na crítica literária a obra de Blas de Otero.

## Referências

- DE OTERO, Blas. *Obras Completas*. Edición de Sabina de la Cruz con colaboración de Mario Hernández. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2013.
- AGAMBEN, Giorgio. *Idea da Prosa*. Trad. João Barrento. São Paulo, Autêntica Editora, 2012.
- ALCORTA, Carlos. Blas de Otero: Gracias por Perdurar. *Ancia*, n. 11, Año IX, Bilbao, 2018.
- AZCÁRATE, Manuel. «Mi amistad con Nora». In: *Derrotas y esperanzas. La República, la Guerra Civil y la Resistencia*. Barcelona: Tusquets, 1994. p. 321-325.
- BAYO, Eliseo. «Blas de Otero: biografía incompleta». Publicada por Mario Hernández y Elena Perulero. 2008. «Una entrevista inédita de Eliseo Bayo a Blas de Otero». *Boletín de la Fundación Federico García Lorca*. n. 43, p. 174-190, 1968.
- CANO, José Luis. *Los cuadernos de Velintonia: conversaciones con Vicente Aleixandre*. Barcelona: Seix Barral, 1986.
- DE LA CRUZ, Sabina. Notas biográficas tabla cronológica de la vida y obra de Blas De Otero (1916-1979). *Ancia*, n. 4, Año II, Bilbao, 2004.

DE LA CRUZ, Sabina. II. La vida de un poeta. *In: Obras Completas*. Edición de Sabina de la Cruz con colaboración de Mario Hernández. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2013.

DE LIMA GRECCO, Gabriela. Falange Española: de la Corte Literaria de José Antonio al Protagonismo del Nacionalcatolicismo. *História e Cultura*, Franca, v. 5, n. 3, p. 98-118, dez. 2016.

GARCÍA DE NORA, Eugenio. «Recuerdos y secretos oterianos». Al amor de Blas de Otero. Actas de las II Jornadas Internacionales de Literatura: Blas de Otero. Editado por José Ángel Ascunce. *Cuadernos Universitarios*, n. 1. San Sebastián: Universidad de Deusto/Mundaiz, 1986. p. 83-93.

LEÃO, Jacqueline Oliveira. Breves considerações sobre o “Conceito de ironia em Soren Kierkegaard”. *Espaço Acadêmico*, v. 13, n. 144, p. 6-11, 2013.

MARTÍNEZ-CACHERO ROJO, María. La Poesía Española entre «Adonais» y la Antología Consultada. *Revista Signos*, v. 30, n. 41-42, p. 63-76, 1997.

MARÇAL, Marcia Romero. *Jorge Semprún: forma precária e literatura de testemunho*. 2008. Tese (Doutorado em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/T.8.2009.tde-03112009-161008. Acesso em: 10 jun. 2021.

MONTEJO GURRUCHAGA, Lucía. Blas de Otero y la censura española desde 1949 hasta la transición política. Primera parte: de “Ángel fieramente humano” a “En castellano”. *Revista de literatura*, v. 60, n. 120, p. 491-513, 1998. Disponível em: [http://www.represura.es/represura\\_3\\_mayo\\_2007\\_articulo3.html](http://www.represura.es/represura_3_mayo_2007_articulo3.html). Acesso em: jun. 2022.

PERULERO PARDO-BALMONTE, Elena. El “Informe Azcárate sobre Blas de Otero” *Boletín de la Biblioteca de Menéndez Pelayo*. XC, p. 297-317, 2014.

PERULERO PARDO-BALMONTE, Elena. *La poesía histórica de Blas de Otero*. Universidad Autónoma de Madrid. Tesis doctoral inédita, 2013.

PERULERO PARDO-BALMONTE, Elena. Blas De Otero, París, 1952: “La Primera Salida De Don Quijote”. Actas de los Congresos de la Aih. París, 2007.

SEMPRÚN, Jorge. *Autobiografía de Federico Sánchez*. Editorial Planeta, 1997

SPOTTORNO, José Ortega. Blas de Otero. *El país*, 11 jun. 1986. [Cartas al director]. Disponível em: [https://elpais.com/diario/1986/06/12/opinion/518911212\\_850215.html](https://elpais.com/diario/1986/06/12/opinion/518911212_850215.html). Acesso em: jun. 2022.

TÉLLEZ, Juan José. José Luis Cano, un centenario olvidado. *Cuadernos Hispanoamericanos*, n. 739, 2012.

WRIGHT, Eleanor. *The Poetry of Protest Under Franco*. Tamesis Books: Suffolk, 1986.

ŽIŽEK, Slavoj. *A visão em paralaxe*. Trad. Maria Beatriz de Medina. Boitempo: São Paulo, 2008.

